

Nº1
AGOSTO
2021



★ DIA DE FEIRA ★



Entrevistas com Lourdes Alves, da Comunidade de Bom Jardim, em Quixadá, e com Antônia de Fátima da Silva, da Comunidade de Patos, em Quixeramobim, feirantes da agricultura familiar de base agroecológica.



DIA DE FEIRA

Feirantes negras da agricultura familiar de base agroecológica e a pandemia de Covid-19.

QUIXERAMOBIM/CE
2021



FICHA TÉCNICA

Organização	Samuel Maciel
Coordenação	Elen Andrade
Textos	Larissa Caetano Larissa Rodrigues Elen Andrade
Fotografias	Samuel Maciel Alan Avelino
Design Gráfico	João Marcos Nunes
Diagramação	Kinaya
Revisão Gramatical	Larisse Martins
Gráfica	Expressão Gráfica
Tiragem	200 exemplares



SUMÁRIO



APRESENTAÇÃO	5
PLANTAR, POR ELEM ANDRADE	6
OS PRECEITOS DO QUIANTAL DE MARIA DE LOURDES (O QUE A AGRO- ECOLOGIA TEM A ENSINAR E A SALVAR?) POR LARISSA CAETANO	8
REGAR, POR ELEM ANDRADE	21
PLANTANDO AGROECOLOGIA, COLHENDO BEM VIVER (A EXPERIÊN- CIA FAMILIAR DE TOIMHA) POR LARISSA RODRIGUES	23
COLHER, POR ELEM ANDRADE	35
MAPA DAS FEIRAS NO CEARÁ	36
EQUIPE	37



APRESENTAÇÃO



É com muita alegria que apresentamos a Revista “Dia de Feira: feirantes negras da agricultura familiar de base agroecológica e a pandemia de Covid-19”, uma revista em três formatos que procuram alcançar a acessibilidade no formato digital, impresso e adaptado em podcast, disponíveis pelos canais da Produtora Ressonância Preta. Nesta edição inaugural trazemos a realização de entrevistas com Lourdes Alves (Lurdinha) e Antônia de Fátima (Toinha), duas agricultoras e feirantes negras do sertão central cearense, de Quixadá e Quixeramobim, respectivamente. Nas linhas que se seguem trazemos as experiências dos quintais produtivos, da agricultura familiar, das práticas agroecológicas, do combate ao Covid-19, da convivência com o semiárido e a poesia de Elen Andrade entre uma prosa e outra.

Além de compor um registro histórico de um período tão peculiar, este projeto também se propõe como registro de memória. Historicamente pessoas negras foram, e ainda são, silenciadas ou marginalizadas na produção de sua própria experiência de vida, trabalho, construção de identidade, relação com o território, entre outros aspectos. Diante disso, esta revista é erguida com o desejo de reparar, reconstruir, resgatar e recontar essas histórias, sobretudo através da palavra-poder das mulheres do campo, que sustentam dia a dia o peso da rica vivência agroecológica.

Dessa forma, apresentamos um material bibliográfico e visual sobre este fenômeno social, que compreende a experiência agroecológica de mulheres negras e sertanejas durante a pandemia de Covid-19 no sertão cearense. Ao mesmo tempo reafirmamos laços com a ancestralidade e demonstramos preocupação com aqueles que estão por vir. Produzimos, assim, uma fonte/acervo pensando as futuras gerações, a fim de evitar o esquecimento de vidas que importam, para que se tenha um lugar para olhar quando não se sabe mais para onde ir, para que não passe em branco histórias de Lourdes e Toinhas, mulheres que mudam o mundo a partir dos seus quintais.



PLANTAR

Por Elen Andrade.

Do seu quintal brotam flores e frutos
Do seu cuidado nascem esperança para o
mundo

É na força das mulheres que a terra se move
São as agricultoras que nos alimentam, nos
nutrem e nos curam.

É com a agroecologia que aprendemos sobre
a partilha do afeto

Do pão, do limão, do abraço e do colo.
São as mulheres que tecem juntas essa rede
infinita de cuidado

Através do cultivo das ervas e das flores
Da colheita dos Frutos
Que elas alimentam e nutrem o mundo.





MARIA DE LOURDES

em seu quintal



OS PRECEITOS DO QUINTAL DE MARIA DE LOURDES

(O que a agroecologia tem a ensinar e a salvar?)

Texto por Larissa Caetano
Fotografias por Samuel Maciel



OS PRECEITOS DO QUINTAL DE MARIA DE LOURDES

+ (O que a agroecologia tem a ensinar e a salvar?)

Quando penso em sertão, imagino e sinto um descanso no meu corpo, algo além do simples balançar de rede, o suspiro de quem lembra do seu lar. Quase sinto o abraço do sertão, é um abraço parecido com o da minha vó e o da minha mãe, volto a dizer: sentimento de lar. Para mim, todos os sertões cearenses que conheci têm em comum esse abraço. A partir de hoje, em todos eles vou procurar por uma Lurdinha, mulher reservada, mas com seriedade naquilo que diz, delicada em seus gestos e com seu quintal – para uma agricultora de base agroecológica, seu quintal é também lugar de adoração.

Maria de Lourdes, 47 anos, negra, cearense, agricultora e pintora, nascida na comunidade Bom Jardim (interior do município de Quixadá/CE), reside hoje nessa mesma comunidade, mas em uma propriedade diferente da que nasceu. Graças às feiras e eventos de formação e intercâmbio entre agricultores, feirantes e Instituições, Lourdes superou a barreira que a impedia de se reconhecer enquanto mulher negra e começou a enxergar sua identidade como força potencializadora.

Visitamos Maria de Lourdes, conhecida como Lurdinha, no dia 5 de fevereiro de 2021. Uma viagem que iniciei às 4h da manhã, saindo de Banabuiú-CE com destino a Quixadá-CE; fiquei na rodoviária de Quixadá aguardando meus colegas e idealizadores desse projeto. Às 6h48, toda a equipe seguiu destino para a comunidade Bom Jardim, localidade que Lurdinha mora, junto com sua família.



Lourdes e sua família no alpendre de sua casa



Durante o caminho, sentia aquela aflição de ir à uma casa pela primeira vez, aprendi com minha mãe que casa é sagrado e quando somos convidados a entrar no lar de alguém, devemos fazer isso com muito cuidado e respeito. Por isso, sempre fico nervosa quando vou à casa de alguém pela primeira vez, e quando me apresentaram esse projeto, os seus objetivos e falaram o nome de Maria de Lourdes, senti que a responsabilidade e o cuidado teriam que ser redobrados, pois imaginei a delicadeza do que estava por vir. E não estava enganada, tudo que rodeia Lurdinha é delicado e bonito, a decoração de sua casa, sua família, seus gestos e sua fala. A aflição logo se tornou uma estima e necessidade de saber mais sobre aquela mulher.

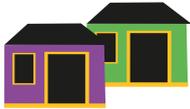
Uma casa com alpendre, uma cisterna e um quintal produtivo desenham o quadro que apresenta a morada de Lourdes. Diversas plantas ornamentais, flores em vasos e almofadas coloridas pelo chão enfeitavam sua entrada. Era como se cada item de decoração tivesse sido construído e pensado por ela mesma, cheio de cores, formas e delicadeza. Tudo conversava e nos convidava a entrar no seu universo. No mesmo momento em que seu pai aproveitava o tempo para tomar sol, pedimos licença para chegar e demos início à conversa.

Lurdinha aprendeu e viu a necessidade da agricultura olhando seus pais, um casal adorável, que apesar da idade e das limitações, ainda tenta manter o vínculo com o plantio. Seu pai lhe ensinou como cuidar verdadeiramente da plantação, através do não uso de agrotóxicos. Lurdinha leva isso ao pé da letra no seu dia a dia e relatou o motivo de ser agricultora: "Eu gosto é por gostar mesmo". Durante grande parte de sua vida, seu pai e seu marido tentaram impedi-la de seguir o ramo de trabalho da família, mas Lurdinha, sempre teve vontade de conhecer e ajudar no labor, então depois de casada, decidiu de vez ir para a roça. Foi uma decisão que atingiu positivamente não só sua família, mas sua comunidade e demais sertões por onde ela passou, uma decisão que surgiu em 2013 e que se consolida até hoje.





Lourdes nos mostra a sua sementeira



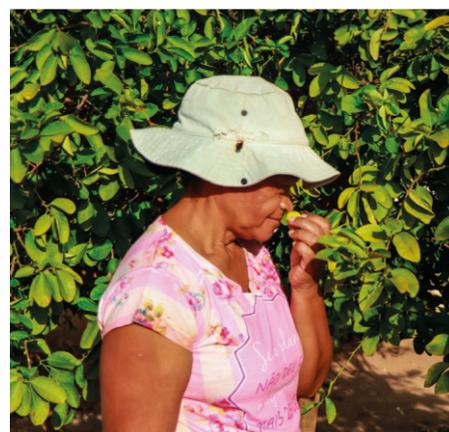
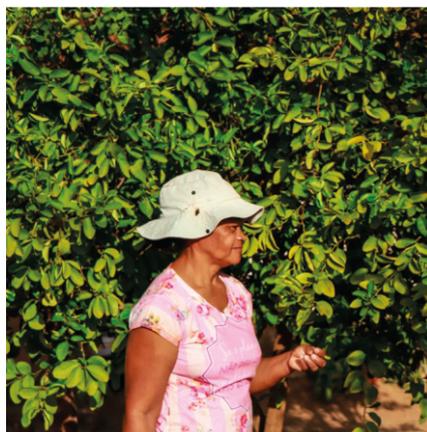
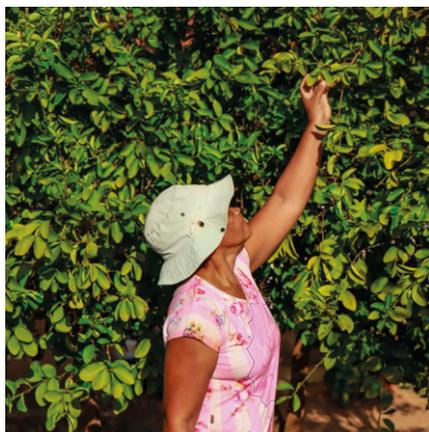
AGROECOLOGIA REAFIRMANDO LAÇOS FAMILIARES

Conversar sobre agricultura e agroecologia com Lurdinha é falar de sua família e do que mais eles têm em comum, quando pensa em sua trajetória, lembra da atenção que seu pai sempre deu à terra: "Ele sempre na agricultura... e ele é uma pessoa que nunca gostou de veneno". Isso nos mostra como a relação com a terra se transmite entre gerações e o cuidado no trato com a terra é uma das bases da tradição familiar. Os passos de seu pai hoje estão mais lentos, mas sempre foram muito bem observados e admirados: "Ele sempre gostou de ter quintal, plantas, de ter aquele canteiro, e isso a gente foi crescendo, vendo e foi fazendo a mesma coisa. Eu tenho outros irmãos também que gostam de horta, que têm sua horta", ressaltou.

Lurdinha e seus irmãos seguiram e seguem a caminhada de seus pais, um vínculo familiar que, de acordo com ela, pode se acabar nas próximas gerações. Quando perguntada sobre como ela vê seus descendentes, expõe seu receio: "Eu posso dizer que é um pouco difícil, porque assim, eu tenho dois filhos. A Caroline estuda Engenharia Ambiental, então ela se vê naquilo ali, ela já gosta de mexer na terra, mas o menino já é mais por fora". Ela afirma que para o afastamento com a agricultura não acontecer é necessário que haja atitude, atitude para se fortalecer naquilo que produz, e assim, chamar mais pessoas para esse trabalho e luta, podendo estabelecer, acima de tudo, união. A agricultora ainda acrescenta: "Mas eu vejo que a agricultura, se a gente não se botar, falar com os filhos da gente, ela vai acabar ficando, perdendo, porque tem muita gente que gosta da agricultura, mas muita gente que não olha, né?".

Esse desejo se estenderá por anos, Lurdinha espera ver tudo isso acontecendo nos próximos anos enquanto continua firme e forte nas suas produções: "Participando e inovando, porque a gente tem aquelas pessoas da comunidade que tem vontade, a gente fica convidando, mas a questão da gente é inovar, renovar as caras, não que a gente vai deixar de ir, mas que a gente coloque mais pessoas pra ser solidária com outras pessoas, mas eu me vejo que quero tá ali, enquanto der pra eu participar, quero tá lá, atuando", frisou Lurdinha.

O SEU QUINTAL É RECHEADO DE HORTALIÇAS, MAMÃO, LIMÃO, GOIABA, GRAVIOLAS, BOLDO, MANJERICÃO, OS QUAIS INTERCALAM COM SUAS PRECIOSAS PLANTAS MEDICINAIS.



A sertaneja sempre tenta levar para as feiras novidades para agradar seus clientes – inovação faz parte do trabalho desta agricultora –, ela leva além das produções supracitadas, ovos caipiras, galinha caipira, bolo de milho e pé de moleque. Como Lurdinha diz: “Meu quintal é minha inspiração”, essa frase tem um grande poder e mostra que essa percepção não vem somente de Lurdinha, mas reflete a realidade do quintal de muitas outras agricultoras. É um reconhecimento pela terra, aquela que nos dá tudo que necessitamos, e essa gratidão só é feita por aquelas pessoas mais sensíveis e fortes, predicados de todas as Marias de Lourdes.

O que atrapalha você a manter sua inspiração viva? Para Lurdinha, nesse momento, é a falta de água. Hoje em dia, toda a sua família depende da cisterna de primeira água, a cisterna calçadão destinada para o quintal produtivo (conseguida no ano de 2013 e início de sua produção) e o reúso de água utilizada em algumas das plantas. “Hoje, dependo de carro-pipa para poder ir mantendo as plantas que tenho, para não acabar tudo de vez. Tem poço na comunidade? Tem, mas o poço da comunidade é muito distante e não tem como eu ir buscar”, explicou Lurdinha.

Uma realidade dura da comunidade Bom Jardim e todas as outras do nosso quente Sertão Central é que atualmente não há nenhum apoio das prefeituras, o que causa a escassez de direitos dessas agricultoras. Durante a pandemia somente a filha de Lurdinha recebeu auxílio emergencial, e essa falta de assistência prejudica diariamente suas vidas. Cada carro-pipa custa R\$140,00 e para durar o mês inteiro, toda a família tem que regrar cada gasto: “A água da pipa é pra todo o consumo”. Felizmente, a união é um dos maiores valores dessa mulher, de sua família e comunidade: “Meu irmão busca água em um jumentinho, que ajuda também”, completou.



Essa ligação e parceria é primordial na vida de Lurdinha, que iniciou no ano de 2013, quando ganhou a cisterna calçadão e começou a se interessar pela produção, primeiro para consumo próprio e depois para comercializar. "Contato com a terra eu sempre tive, mas assim, o cuidar mesmo foi de 2013 pra cá, porque eu fui participando mais das rodas de conversa, participando mais das coisas", comentou Lurdinha.

Depois do primeiro passo, ela continua com toda a dedicação, sabendo o que planta, como planta e a qualidade de seu produto quando colhe. E mesmo com algumas pessoas querendo o uso de agrotóxicos nos seus produtos, Lurdinha entende o quão precioso é uma alimentação saudável: "Sim, ainda tem gente que diz que tem que botar, que é pra não criar aquela lagarta, pro alimento ficar mais bonito, que cresce mais rápido, mas eu não dou ouvido pra essas coisas, não, de jeito nenhum". Preocupada consigo mesma, com sua família e comunidade, Lurdinha preza e planta saúde para consumir: "E assim, a gente ainda dá, quando tenho bastante, ainda dou pra alguém da comunidade, mas tô sabendo o que tô dando, o que eu tô passando, tô sabendo que eu tô dando um alimento saudável", ressalta Lourdes sobre um dos aspectos base da agroecologia, a solidariedade.

Antes da pandemia, Lurdinha tinha sua vida de feirante bem mais ativa, indo a feiras não só no município de Quixadá, mas em outras cidades também. "Como eu participo das feiras, uma vez por mês, eu participo da feira do Instituto [Antônio Conselheiro], estava tendo feira em Quixadá, que era de 15 em 15 dias e também em Fortaleza, uma vez por mês."

Felizmente, as agricultoras podem contar com projetos e instituições que valorizam seus trabalhos, acompanham e incentivam as suas autonomias. "A gente sempre tem o acompanhamento da Instituição que nos leva, que vem pegar a gente, pra gente comercializar né, e é voltado pra gente, o recurso é voltado pra gente mesmo, eles só fazem o acompanhamento, e que é uma renda, que é muito boa, graças a Deus."

A agricultora lembra com carinho e saudade de quando ia às feiras com suas amigas e irmãs: "Antes da pandemia, a gente organizava nas quartas-feiras, depois nas quintas-feiras, a gente ia no carro de horário, ficava na praça, até 10h. No começo, o CETRA acompanhava, mas aí depois que a gente se adaptou mais, eles disseram que a gente tinha que andar com nossas próprias pernas até Quixadá". Para garantir uma organização maior das produções e das vendas, Lurdinha conta com a Caderneta Agroecológica do projeto Dom Helder, na qual ela anota todo o consumo, as doações e vendas: "Uso há dois anos e é muito bom, porque a gente tem um controle, antes eu anotava, mas anotava mais antes o que eu vendia, não o que eu trocava, o que eu doava. E agora eu sei o que eu dei, o que gastei, o que eu consumo todos os meses".

Esse controle serve para que ela possa mensurar os destinos de sua produção, aquilo que se vende, troca ou doa, possibilita também que enxergue as necessidades da comunidade e da própria agricultora. Em síntese, mostra que por meio de uma perspectiva agroecológica é possível equilibrar os destinos da produção evitando desperdícios e fortalecer a comunidade.



**PARA GARANTIR
UMA ORGANIZAÇÃO
MAIOR DAS PRODUÇÕES E
DAS VENDAS, LURDINHA
CONTA COM A
CADERMETA AGROECOLÓGICA
DO PROJETO DOM HELDER.**



"QUANDO AS BARREIRAS APARECEM A GENTE VAI SEMPRE QUEBRANDO"

As feiras são um lugar para se fortalecer e fortalecer as companheiras, estar longe desse contato físico e pessoal entristece e desanima as agricultoras. Nesse período caótico de pandemia, os institutos mostram-se mais aliados do que nunca para manter as produções e garantir um pouco de renda para essas mulheres. "A ajuda das instituições, Ave-Maria, se não fossem eles, eu não sei nem o que seria, a gente só tem o que agradecer", ressalta Lurdinha.

Um desses apoios são as feiras virtuais, que de acordo com Lurdinha "Não tem como a presencial", são eventos para viver um pouco o sentimento que é estar na feira real, "particpei de feira virtual em Quixadá, eu fui... cheguei a entregar os produtos, a gente fez a feira virtual em Quixadá, eu fui uma que acompanhei, que fez toda a anotação dos produtos, o pessoal ligava e a gente organizou, a instituição veio, foi pelo CETRA, a instituição veio acompanhar, dois carros com todo cuidado fazer as entregas. Teve outras, mas eu não fui mais, por conta dos meus pais idosos, a gente só manda". A pandemia distanciou Lurdinha daquilo que ama, mas não fez com que ela parasse, as enormes quedas das vendas e produção não a fizeram desistir e continuar tentando ao máximo se manter presente em seu trabalho: "Agora tá sendo assim, a gente prepara para Quixadá quando os clientes pedem, a gente manda pelos carros de horários e eles vão pegar no centro. Para a feira de Fortaleza, o Instituto vem pegar, eles fazem a mobilização, eles fazem tudo, preparam tudo, só pra gente produzir, ajeitar, arrumar, tudo bem organizado, e lá na instituição, eles fazem as cestas e têm o horário das pessoas irem buscar", expôs Lurdinha.

A distância física, sem dúvida, pode causar diversos abalos e desequilíbrios em qualquer relação e momento, mas quando vivemos e sentimos algo bom, como é o caso da união das agricultoras, as dificuldades são levadas a sério, mas a esperança é colocada no centro.

MARIA DE LOURDES, CONSIDERA A FEIRA UMA FAMÍLIA E SÓ QUEM POSSUI UMA, ENTENDE O PODER DESSA PALAVRA: “É uma família que a gente conseguiu juntar às outras, a gente tem as meninas daqui, de Quixeramobim, Senador, Sobral e a gente vai se encontrando, quando a gente se reúne é muito bom”.

Quando uma necessita de ajuda, a outra está pronta para apoiá-la: “A gente trabalha sempre, eu chamo de mutirão, uma vinha ajudar a outra, a gente trabalha sempre em conjunto”. Uma amizade que existe graças ao bem comum, que é a ligação e cuidado pela terra: “Quando a gente organiza as reuniões virtuais, a gente se vê, às vezes a gente chora a falta do abraço, mas a gente fica se comunicando, sempre tem aquela comunicação, a gente tem grupo, as mulheres de Quixadá, Quixeramobim, a gente fica interagindo, se fortalecendo, mas é difícil, muito difícil, mas com fé em Deus, a gente vai conseguir se abraçar”, crê Lurdinha.

Como diz Elen Andrade, o papel das agricultoras é “nos alimentar, nos nutrir e nos curar”. Durante esse período de pandemia, além dos grandes acontecimentos da natureza contidos no quintal de Lurdinha, algo chamou a atenção, o que pode ser considerado um milagre. A procura por limão aumentou nesse período pandêmico e no quintal dela não faltou um dia, ela nunca viu uma produção tão forte como a do ano passado, era como se a terra sentisse mais do que nunca as nossas necessidades.

Sempre cheia de simpatia e gratidão, Lurdinha nos recebeu de braços abertos mesmo não podendo nos abraçar: "Assim, eu fico feliz em tá recebendo as pessoas, já tive outras oportunidades em ter outras pessoas aqui também me entrevistando, fico feliz por estar recebendo essas pessoas e agradecendo a Deus por poder estar atuando nessa caminhada". Maria de Lourdes pretende com suas forças, que não são poucas, continuar atuando em seu quintal e nos deseja essa mesma força e inspiração: "Não quero desfazer dele jamais e fico feliz, quero dizer em não desistir, nunca desista do que a gente gosta, do que a gente quer, quando a gente quer a gente consegue, as dificuldades aparecem, as barreiras, a gente sempre vai quebrando", com essas palavras Maria de Lourdes encerra a nossa entrevista, nos levantando e nos inspirando, assim como outras mulheres que vieram antes e que caminham juntas.



Canteiro de Cheiro-verde de Lourdes.

REGAR

Por Elen Andrade.

Sou cura neste mundo adoecido
Levo amor e flores comigo

Minha natureza é feminina
Força potente das matas e dos rios

Sou sertão resistente
Terra seca
Sou solo fértil

Minhas raízes são firmes e profundas neste
terreno

Meus galhos abraçam tudo
Meus frutos alimentam o mundo

Me rego com meu suor e minhas lágrimas
mas sempre irei sorrir
quando em mim flores lindas nascerem



TOIMHA

na feira com seus produtos.





PLANTANDO AGROECOLOGIA, COLHENDO BEM VIVER

A experiência familiar de Toinha

Texto por Larissa Rodrigues
Fotografias por Alan Avelino



PLANTANDO AGROECOLOGIA, COLHENDO BEM VIVER

+ A experiência familiar de Toinha

CHEGANÇA...

Chegando em Quixeramobim, a 18km da sede, em meio a paisagem típica da caatinga, mudando sua vegetação após as primeiras chuvas, encontramos a comunidade Recanto dos Patos e sem dificuldade avistamos a casa de Toinha. Ao aparecer no alpendre, já coloca um grande sorriso no rosto e nos convida para o espaço de partilhas e afetos que é a cozinha de seu lar.

O cheiro de mel de rapadura se espalha pela cozinha, e o tempo está bonito para chover. Em meio à preparação dos produtos que, no dia seguinte, estariam na feira, somos acolhidos e levados a conhecer a vida de Toinha e poder partilhar dos saberes, sabores e sonhos que são carregados por esta mulher.

Antônia de Fátima da Silva, carinhosamente chamada por todos que a rodeiam de Toinha, tem 49 anos, é mulher sertaneja, agricultora agroecológica, feirante, casada, mãe de quatro filhos (Francisca Maria, Marcílio, Marciel e Marli) e avó de dois queridos netos.

Seguindo o exemplo dos pais na lida com a terra, ela segue cultivando suas frutas, hortaliças e o roçado, por meio de práticas agroecológicas.

O QUIANTAL DE TOINHA É ESPAÇO DE CULTURA ALIMENTAR, DE EXPERIMENTAÇÃO, ALÉM DE SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR.





NO QUINTAL DÁ DE TUDO QUE PLANTAR!

Pensar no futuro das próximas gerações é pensar no presente, é produzir saúde e bem viver. Assim, Toinha segue plantando conhecimento e, ao receber-nos em seu quintal, mostra na prática que plantando sempre dá.

O agroecossistema familiar é lugar de diversificação e zelo com a biodiversidade, e lá podemos encontrar: acerola, cajueiro, palma, forrageira, mamoeiros, leucena, catingueira, coentro, cebolinha, alface, maxixe, goiabeira e algumas ervas medicinais. A criação de animais também é uma importante atividade para a família, por meio da avicultura caipira, suinocultura e a bovinocultura garantem parte da alimentação e o excedente é comercializado para complementação da renda.

A família enfrenta muitos desafios para garantir a manutenção da sua produção. A dificuldade para acessar água de qualidade e suficiente para produzir, desde o ano de 2011, se apresenta e as secas se sucedem. Após um longo período com chuvas irregulares e abaixo da média, Toinha explica que ainda não tem a diversidade que desejaria em seu quintal.

Este cenário passa a ser ainda mais agravado pela pandemia causada pela Covid-19, que expõe as desigualdades e as questões sociais causadas por inúmeras fragilidades do capitalismo. A apropriação dos bens naturais como a água, atinge milhões de famílias no semiárido, fazendo-se necessário intensificar lutas para a universalização do acesso à água de qualidade para o consumo e produção, a fim de promover o bem viver familiar e comunitário.

No quintal de Toinha temos frutos de uma luta trilhada, para garantir sua produção e sobrevivência ela dispõe de cisterna de beber, cisterna para a produção e um reúso de águas cinzas, tecnologias sociais que garantem o armazenamento e reaproveitamento da água. Outra alternativa usada pela família é um cacimbão e uma pequena barragem, estes que saciam a sede das plantas e dos animais.



"QUANDO TEM ÁGUA EU PRODUZO TOMATE-CEREJA, CHEIRO-VERDE, TUDO EU GOSTO DE TER! E TEM MINHAS FRUTEIRAS QUE NÃO ESTÃO PRODUZINDO PORQUE NÃO TEM ÁGUA."

Toinha ainda acrescenta que no período de inverno tem muita fartura, pois ela também produz maxixe, pimentão, alface e outras tantas diversidades.

VISITAR O QUINTAL DE TOINHA É VER VIDA SENDO GERADA, POIS AS RELAÇÕES DE BEM VIVER TAMBÉM SÃO TECIDAS NESSE ESPAÇO.

No quintal tem diversidade, saúde, coletividade, respeito e amor. A responsabilidade em produzir de modo saudável e sustentável diz muito sobre o compromisso com as demais gerações. O quintal da sertaneja é espaço de protagonismo, sendo reconhecido este lugar, antes invisibilizado, como estratégico para a saúde e a segurança alimentar e nutricional da família.









ENTÃO O ESPAÇO DE PARTILHA EXPANDIU!

Todas as quartas, cedinho, desde 2002, Quixeramobim tem um movimento diferente, é dia da Feira da Agricultura Familiar. Toinha acorda de madrugada para que sua produção chegue aos consumidores. Mas nem sempre foi assim.

Em 2004, ela foi convidada por outro feirante a conhecer e comercializar na feira, assim, essa grande ciranda da agroecologia e da socioeconomia solidária passaram a transformar a vida de toda a família. Como ela nos conta:

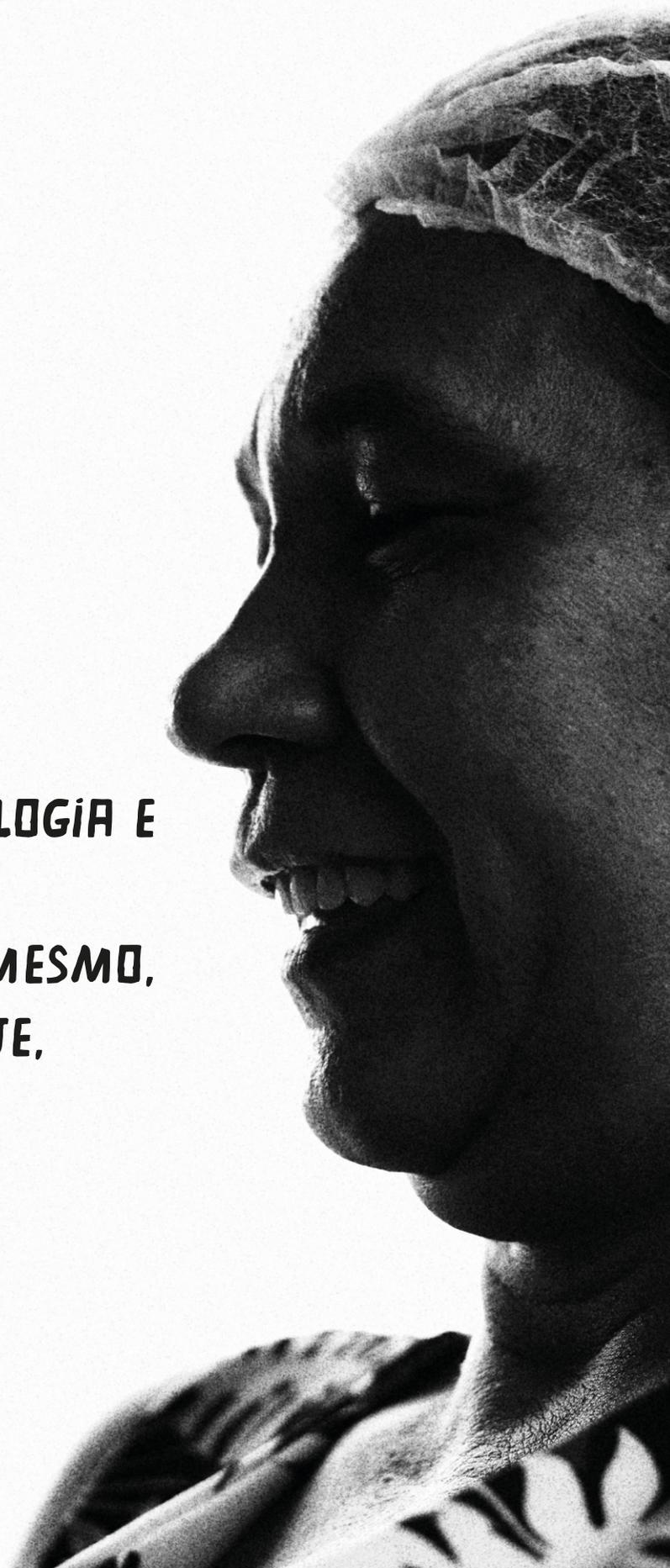
"Na época, eu comecei com meu irmão, a gente começou com o Paulo Zuca, um senhor que tinha lá na Várzea do Meio que ele tinha um plantio e ele trabalhava já com a agroecologia e ia para a feira [...] aí ele me convidou, e eu disse: — Não, eu num vou, não, sempre dizia não, eu sou bem tímida, bem matuta ainda... E ele disse: — Vamos, hômi! E eu: — Vou nada! Até que ele insistiu e a gente foi."

A família iniciou o trabalho levando frutas, verduras, o bolo chapéu de couro e o beiju. Com o passar do tempo, a diversidade de materiais aumentou, pois nas épocas de boa produção de frutíferas e com o leite em abundância, Toinha pôde oferecer para os consumidores uma variedade de doces e bolos.

Sua participação na Feira da Agricultura Familiar de Quixeramobim foi alavancada por muitas transformações e valorização de sua identidade, se tornando a principal renda da família.



**"EU CONTINUEI,
NUNCA MAIS PAREI!
CONTINUEI NA AGROECOLOGIA E
NA FEIRA, E A FEIRA É
MEU PONTO PRINCIPAL MESMO,
[...] A GENTE TÁ ATÉ HOJE,
E PRETENDO FICAR LÁ
ATÉ QUANDO EU PUDER."**



Trabalhar com a agroecologia e com a responsabilidade de produzir alimentos saudáveis foi fortalecido a partir do uso de tecnologias de convivência com o semiárido. A família agrega técnicas como a cobertura do solo, irrigação localizada, defensivos naturais, adubação orgânica, o plantio de sementes crioulas, plantio consorciado, assegurando desse modo, o não uso de agroquímicos e sementes transgênicas.

"Uma goiaba daquela você pode pegar no pé e comer que não vai fazer mal a ninguém, por que ela não tem veneno."

Com a pandemia do novo coronavírus, as atividades presenciais da feira foram interrompidas em março de 2020, dessa forma, muitos desafios para o escoamento da produção surgiram. O planejamento produtivo da família foi diretamente atingido, Toinha ressaltou que no mês de abril, durante a semana santa, era o período de maior movimentação na feira.

A feira virtual da agricultura familiar e a comercialização pelas redes sociais funcionaram no período mais rígido de distanciamento social, o que contribuiu para que os produtos chegassem aos consumidores de modo seguro. Foram oito meses sem o contato presencial nas feiras, e com a retomada das atividades, muitos aspectos mudaram.

Para o monitoramento de sua produção, Toinha utilizou uma ferramenta metodológica chamada Caderneta Agroecológica. Na caderneta realizava as anotações de sua produção relacionadas ao consumo, à doação, troca e venda, trazendo visibilidade e fortalecendo a autonomia feminina dentro do agroecossistema.

TER A CONSCIÊNCIA DE QUANTO SE PRODUZ É FORTALECER A AGRICULTURA FAMILIAR DE BASE AGROECOLÓGICA, É TECER HISTÓRIAS DE ESPERANÇA E RESISTÊNCIA NO SERTÃO.





Processo de produção e venda de Toinha.



Muitas são as dificuldades enfrentadas, muitos os frutos colhidos, muitos os sonhos traçados. A conquista da casa própria, a família unida e sua produção gerando vida trazem felicidade. É o bem viver sendo construído no dia a dia, é esperança sendo plantada, é vida sendo colhida.

E para deixar uma pitada de quero mais, Toinha nos presenteou com uma receita para que pudéssemos sentir um dos sabores presentes na Feira da Agricultura Familiar de Quixeramobim e na Feira do Espaço Antônio Conselheiro.

O bolo chapéu de couro faz parte da cultura alimentar regional, comum em todo o Nordeste, a receita se baseia na preparação com o mel de rapadura e a massa de milho. Toinha cuida com muito zelo dessa receita que aprendeu vendo a mãe preparar, hoje ensina sua filha e toda quarta essa iguaria é encontrada na feira.

BOLO CHAPÉU DE COURO

INGREDIENTES

2 LITROS DE MEL DE RAPADURA

1 KG DE MASSA DE MILHO

1 COPO DE 200 ML DE FARINHA DE TRIGO

02 OVOS CAIPIRAS

CRAVO E ERVA-DOCE A GOSTO

MODO DE PREPARO

BATA O MEL E OS OVOS NO LIQUIDIFICADOR, EM SEGUIDA ADICIONE OS DEMAIS INGREDIENTES ATÉ O PONTO DE LEVAR À FRIGIDEIRA. AQUEÇA UM POUCO DE ÓLEO E POMHA A MASSA EM PEQUENAS PORÇÕES. DEIXE ASSAR POR UM MINUTO.

BOM APETITE! E APROVEITA QUE É DIA DE FEIRA!



COLHER

Por Elen Andrade.

Partilhamos nesta vida uma jornada parecida
que começa e se finda com a terra
É dela então que devemos cuidar

cultivando-a com afeto e dedicação
pois ela é nosso lar

nossa morada primeira
nossa casa verdadeira

onde quer que estejas
nos campos, nas cidades
nos quilombos, nas aldeias
nos rios ou nas favelas

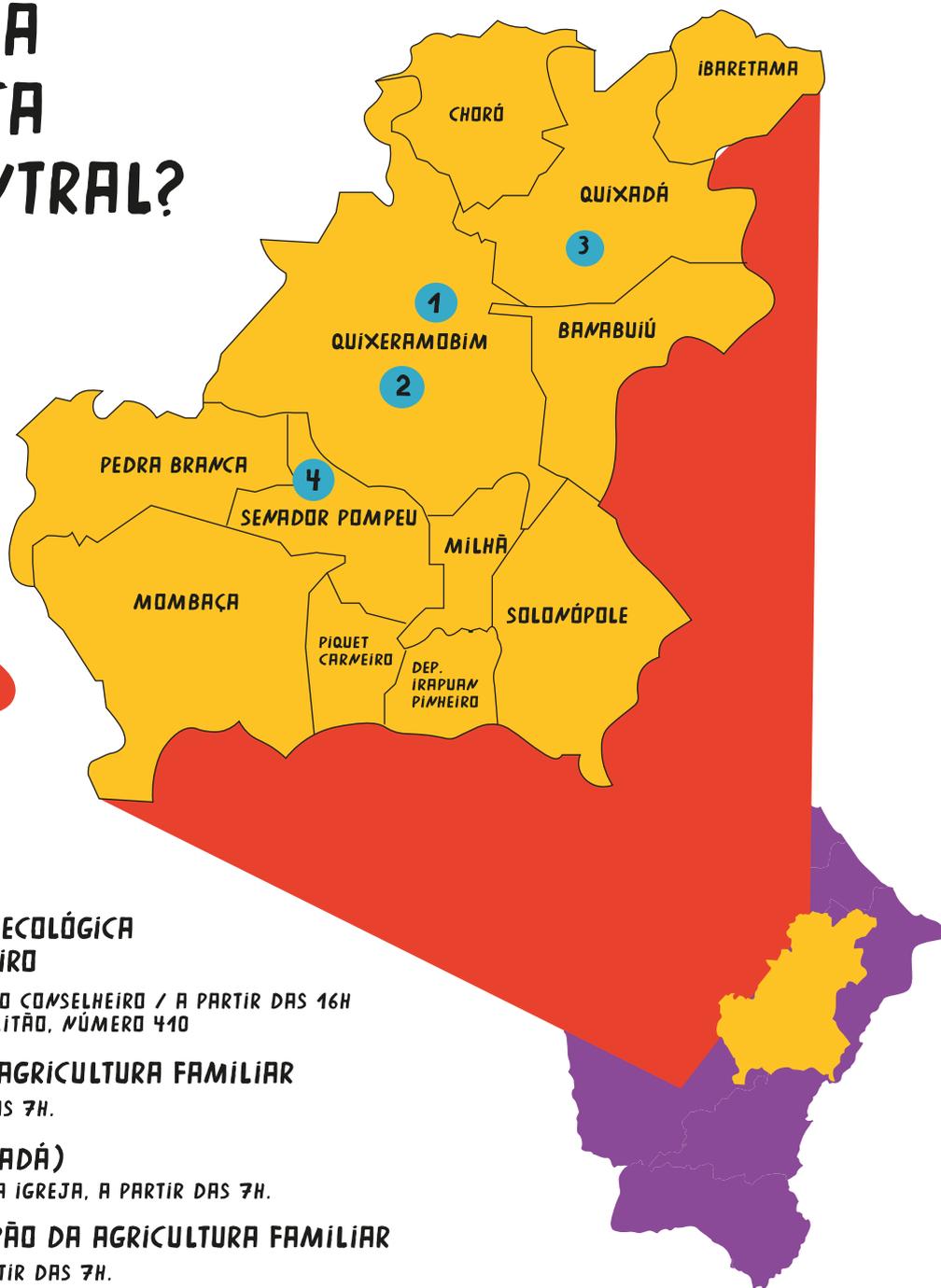
é através do contato com a terra que aprendemos
sobre os ciclos da vida
sobre as voltas do mundo
sobre o tempo das coisas

A terra é começo, meio e fim.
Que terra você quer para si e para os que ainda
estão por vir?



ONDE TEM FEIRA AGROECO-LÓGICA NO SERTÃO CENTRAL?

- MAPA DO CEARÁ
- SERTÃO CENTRAL
- * FEIRAS AGROECOLÓGICAS



1 QUIXERAMOBIM / FEIRA AGROECOLÓGICA DO ESPAÇO ANTÔNIO CONSELHEIRO

ACOMPANHADA PELO INSTITUTO ANTÔNIO CONSELHEIRO / A PARTIR DAS 16H NA RUA DESEMBARGADOR AMÉRICO MILITÃO, NÚMERO 410

2 QUIXERAMOBIM / GALPÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR

TODAS AS QUARTAS-FEIRAS, A PARTIR DAS 7H.

3 SÃO JOÃO DOS QUEIROZ (QUIXADÁ)

TODOS OS SÁBADOS NA PRAÇA DA IGREJA, A PARTIR DAS 7H.

4 SEMADOR POMPEU / GALPÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR

TODAS AS SEXTAS-FEIRAS, A PARTIR DAS 7H.





ALAN AVELINO

Preto do Sertão. Um capoeira solto por aí. Produtor audiovisual nas linguagens documentais e se arriscando na ficção. Fotógrafo documental reconstituindo memórias de um sertão que é materialmente preto.



JOÃO MARCOS

Dos sertões do Ceará, natural de Quixeramobim. João é estudante de Arte Visuais pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), comunicador popular, designer social, ilustrador e artesão autônomo em projetos para pessoas e organizações.



LARISSA CAETANO

Mulher negra, feminista, atriz, professora. Formada em Licenciatura em História pela FECLESC/UECE, pesquisa Segurança Pública, com foco na formação da Polícia Militar cearense.



SAMUEL MACIEL

Jovem, negro, cearense de Quixeramobim, graduado em Letras - Língua Portuguesa (FECLESC/UECE). Produtor cultural, realiza pesquisas nas áreas de Literatura Afro-brasileira, história e cultura afro-brasileira e trabalha com fotografia, roteiro e edição de vídeo.



ELEN ANDRADE

Mulher. Negra. Artista e Ativista. Trabalha com formação em artes visuais (fotografia, fanzines, audiovisual e cinema documental), ações cineclubistas e circuitos de conversas sobre artes com crianças e adolescentes no sertão central.



KIMAYA

Natural de Quixadá-CE. É autora dos livros "Versos livres, como nós" e "Eu conheço Uzomi".



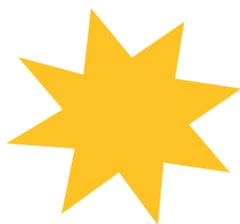
LARISSA RODRIGUES

Mulher negra, educadora popular, bordadeira, espiritualista, nascida e criada no Quilombo Sítio Veiga em Quixadá, apresentadora da série "Passarinhas: Mulheres Inspiradoras".



LARISSA MARTINS

Nascida em Quixeramobim-CE. Com formação em Letras-Português pela UECE. Atua como professora de linguagens na rede privada.



DIA DE FEIRA

Feirantes negras da agricultura familiar de base agroecológica e a pandemia de Covid-19.

REALIZAÇÃO

PARCERIA

APOIO



Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.

LEI
ALDIR
BLANC
de Memória Cultural
CEARÁ



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

